

**COMUNICAÇÃO, CORPO E CONSCIÊNCIA<sup>1</sup>**  
**COMMUNICATION, BODY AND CONSCIOUSNESS**

Ana Luiza Iughetti Feres<sup>2</sup>  
Malena Segura Contrera<sup>3</sup>

**Resumo**

Este trabalho se ocupa em refletir acerca da intrincada relação entre comunicação, corpo e consciência, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Parte-se de uma perspectiva interdisciplinar que une contribuições teóricas das áreas de Comunicação e Teoria da Mídia, Sociologia e Psicologia, para apresentar uma discussão acerca do desaparecimento do corpo na sociedade midiática e suas possíveis implicações sobre a consciência. Desaparecer de si é um desaparecer do corpo antes de mais nada. O que se perde quando desaparecemos do nosso corpo? Essa pergunta norteia o trabalho e será discutida à luz de autores como Harry Pross, David Le Breton, Boris Cyrulnik, Norval Baitello Junior, Edgar Morin e Carl Gustav Jung, entre outros.

**Palavras-chave:** Sociedade Midiática. Imersão Digital. Propriocepção Corporal. Desaparecer de Si. Consciência.

**Abstract**

This work focuses on reflecting on the intricate relationship between communication, body and consciousness, based on bibliographical research. It holds an interdisciplinary perspective that unites theoretical contributions from the areas of Communication and Media Theory, Sociology and Psychology, and presents a discussion about the disappearance of the body in media society and its possible implications on consciousness. Disappearing from oneself is a disappearance from the body first and foremost. What is lost when we disappear from our body? A question that guides the work and will be discussed in the light of authors such as Harry Pross, David Le Breton, Boris Cyrulnik, Norval Baitello Junior, Edgar Morin and Carl Gustav Jung, among others.

**Keywords:** Media Society. Digital Immersion. Body Proprioception. Disappear from yourself. Consciousness.

**Introdução**

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias Primárias: o encontro cara a cara, a presença do corpo, do VIII ComCult, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura Midiática pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista (UNIP). Bolsista CAPES. [analuferes@gmail.com](mailto:analuferes@gmail.com)

<sup>3</sup> Prof.a Dra. Malena Segura Contrera é doutora em Comunicação e Semiótica, docente do PPGCOM da UNIP, líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário (UNIP), psicoterapeuta junguiana e diretora do Instituto do Imaginário. [malenacontrera@uol.com.br](mailto:malenacontrera@uol.com.br)

Eletricidade e serpente, imaterialidade e imagem, oralidade, gesto e corpo, escrita e história, memória e aparições, presença de ausências e presença de presenças, coisas e não coisas, tais aproximações ou distanciamentos nos permitem pensar a comunicação como ponte que se constrói sobre abismos. Mas também nos obrigam a entrevê-la como abismos que se constroem sob pontes. (Baitello Jr., 2010, p.67)

Esse trecho de Norval Baitello Junior no livro ‘A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia’ parece resumir muito bem o que vamos discutir neste trabalho. Se para Harry Pross ‘a comunicação começa e termina no corpo’, que ‘pontes sobre abismos ou abismos sobre pontes’ estamos construindo na sociedade midiática contemporânea, onde nossa existência é cada vez mais mediada por aparatos tecnológicos e o corpo está cada vez menos implicado na existência? Qual a intrincada relação entre comunicação, corpo e consciência?

Sob o ponto de vista da comunicação, vale lembrar a classificação dos meios de comunicação, feita por Harry Pross, entre primários, secundários e terciários, e destacar a grande diferença existente, do ponto de vista do ser humano, entre a comunicação direta (primária) – presencial, corpo a corpo - e a comunicação mediada.

E se Harry Pross nos ensina que a comunicação ‘começa e termina no corpo’, Boris Cyrulnik (2001) nos ensina que o vínculo comunicacional necessariamente passa pelo contato corporal, pela troca sensorial, e é fundamental para a história de vida que será construída e significada. Para Cyrulnik, o vínculo está na base da comunicação e o vínculo é predominantemente corporal.

Se estamos imersos na comunicação mediada e em rede, existindo num corpo ‘estrangeiro de si mesmo’ como diz Le Breton (2018), nessa existência ‘sem corpo’ da sociedade midiática, como acessamos as emoções que nos (re)lembram, nos conectam e nos movem?

De que existência estamos falando quando vivemos cada vez menos a experiência da comunicação através da sensorialidade dos corpos, das imagens endógenas e do imaginário, tendo nossas emoções e instintos estruturados e orientados cada vez mais a partir da intermediação dos meios de comunicação, sobretudo as mídias terciárias, como classificou Harry Pross?

Essas são as questões sobre as quais pretendemos refletir neste trabalho, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, com contribuições teóricas oriundas das áreas de Comunicação e Teoria da Mídia, Sociologia e Psicologia, à luz de autores como Harry Pross, David Le Breton, Boris Cyrulnik, Norval Baitello Junior, Edgar Morin e Carl Gustav Jung, entre outros.

### **Corpo e Comunicação**

Harry Pross em sua teoria da mídia, vai muito além do olhar tradicional para a comunicação; para além dos meios, mensagens, aparatos e técnica. O que é preciso para que a comunicação aconteça? E ressalta o conceito de comunicação que olha para as origens do processo comunicacional e cultural, nos lembrando que a comunicação acontece muito antes de chegar a qualquer aparato de mídia.

Se a comunicação clássica nos ensina que comunicação é uma troca de informações entre dois ou mais interlocutores, poderíamos considerar que computadores em rede trocando informação é comunicação. Mas, essa é apenas uma pequena parte da troca comunicativa.

É preciso olhar para a comunicação que, levando em conta o corpo como a primeira e mais importante condição existencial do ser humano, nos revele a maior e mais importante parte do processo comunicacional: o humano em nós. E não existe ser humano sem corpo.

Harry Pross chamou de mídia primária essa comunicação que se dá entre corpos, que se sincronizam e se sintonizam ao se comunicarem. Os gestos, o toque, os cheiros, o riso, o choro, as leves expressões corporais e faciais etc. são parte do conjunto complexo da comunicação.

É o corpo que transmite e recebe a informação muito antes dessa ser codificada pela mente. Uma imagem ou sensação já está vibrando e reverberando no corpo muito antes de haver um entendimento ou mensagem. É no corpo que algo faz ou não sentido para nós.

A relação entre corpo e espírito é expressa através de gestos, e é capaz de produzir uma impressão nos outros. Expressão e impressão podem ser conscientes ou inconscientes, de modo que aquele que expressa frequentemente não saiba a razão de ter passado certa impressão, e o impressionado pode vir a reagir de alguma forma, sem saber o que o levou a tal reação. (Pross, 1971, p.129, apud Santos, 2009)

Ainda segundo Pross, na comunicação direta há máxima complexidade e autonomia do humano no processo comunicacional, e acontece no mesmo tempo/espaço; as sensações são trocadas ‘em tempo real’. Já na comunicação mediada, quanto mais instâncias há entre o emissor e o receptor, menor é a autonomia e a complexidade; e o tempo assíncrono, em diferentes espaços, tira a dimensão de presença do corpo no processo comunicacional.

O que podemos estar perdendo, enquanto humanidade e cultura, quando, cada vez mais, estamos abrindo mão da comunicação primária, corpo-a-corpo? O que essa vida imersa no mundo digital pode estar falando da nossa existência? Segundo Baitello Jr. (2012):

Temos um tipo de existência quando nos comunicamos presencialmente corpo a corpo, temos outro tipo de existência quando passamos nossa vida trocando mensagens escritas sobre suportes opacos e, por fim, existimos de uma terceira maneira quando nos colocamos diante de aparelhos que recebem sinais transmitidos por outros aparelhos, como telefone, rádio, televisão, internet, tablets etc. (Baitello Jr., 2012, p.61)

Foi ao longo do século XX, que a indústria da comunicação se desenvolveu, ‘*pari passu*’ ao desenvolvimento do capitalismo, dando nascimento ao que Morin (2002) muito bem descreveu e analisou: a cultura de massa; e, na sua esteira, a comunicação de massa. Tudo permeado pela expansão contínua da eletrificação da sociedade e da nossa vida (Balestrini & Contrera, 2023)<sup>4</sup>, que passa a ser moldada por ela.

Mas é na virada do milênio que tudo se acelera, quando assistimos a passagem de uma “comunicação centralizada, vertical e unidirecional” (Sodré, 2002), para uma comunicação em rede, multimeios e interativa, propiciada pelo avanço técnico e tecnológico que nos leva à internet e às mídias digitais.

Quando o primeiro website entrou publicamente no ar, em 1991<sup>5</sup>, o número de pessoas conectadas à internet era 2,6 milhões; na virada do milênio eram pouco menos de 300 milhões de usuários de internet no mundo, e, atualmente, somos mais de 5,19 bilhões de pessoas

---

<sup>4</sup> <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-eletrificacao-das-imagens-oniricas?lang=pt-br>. Acesso em 12 de dez. 2023

<sup>5</sup> Mais informações no domínio mantido pela organização europeia CERN: <http://info.cern.ch/>. Acesso em 12 de jun. 22

conectadas, ou 69,1% da população mundial, segundo dados do último relatório do Datareportal, Digital 2023 July Global Statshot Report<sup>6</sup>.

Assim é que, tecnologia, media e capitalismo constituem os pilares da sociedade em que vivemos; pilares entrelaçados e inseparáveis, como já apontado pela teoria crítica da Cibercultura (Trivinho, 2007).

Então é preciso pensar a comunicação no contexto do indivíduo da cibercultura, esse que tem suas emoções e instintos atravessados pela “*dromocracia cibercultural* - que diz respeito a um regime – *cracia* – invisível, da velocidade – *dromos*, prefixo grego, que define rapidez – com base nos equipamentos digitais e redes interativas – *ciber* – e que perfaz, no todo, uma cultura, que é a nossa época.” como resume Eugênio Trivinho em entrevista concedida em 2018.<sup>7</sup>

Trivinho traz essa ideia de Paul Virilio a partir dos conceitos de dromocracia e dromoaptidão, que fazem forte crítica tanto ao sistema capitalista neoliberal como às tecnologias da comunicação. Na lógica da sociedade midiática, o mais apto é o mais veloz. Velocidade é a palavra-chave do pensamento de Virilio acerca da Cibercultura, onde a realidade é definida por um mundo virtual onde se pode estar em todos os lugares e ao mesmo tempo em nenhum. A noção de tempo e espaço é o que está em jogo aqui.

Tempo e espaço. Condição inexorável da existência como ser humano, do aqui e agora, e que exige estar presente no corpo. Um corpo dos sentidos, sensações e sutilezas da experiência de viver. Para Jung, “qualquer coisa experimentada fora do corpo, por exemplo, não é experimentada, a menos que incorporemos, porque o corpo significa o aqui e agora.” (Jung, 1930, apud Zimmerman, 2011, p.7).

A imersão digital típica da sociedade em que vivemos nos deixa completamente tomados pelo fluxo ininterrupto de imagens tecnicamente construídas, que nos envolvem e promovem uma espécie de efeito hipnótico, quando a percepção de tempo e espaço fica em suspenso.

---

<sup>6</sup> <https://datareportal.com/reports/digital-2023-july-global-statshot> Acesso em 01 de dez. 23

<sup>7</sup> Ver entrevista realizada com Eugênio Trivinho, em 2018 em <https://ctead.ifpa.edu.br/noticias/385-eugenio-trivinho-dromocracia-e-educacao-parte-1>. Acesso em 30/09/23

Assim como a percepção do corpo - dimensão da existência que nos dá a percepção de tempo e espaço e que nos permite estar presente nas emoções promovidas pelas experiências da vida - fica comprometida enquanto estamos “suspensos” no mundo virtual.

Na existência “sem corpo” da sociedade midiática, mergulhados nos nossos computadores, celulares e tablets, vamos vivendo a vida paralela do mundo virtual em detrimento da vida experienciada no corpo, nas experiências vivas da existência. “Mas o homem virtual é um homem abstrato a quem ainda falta a existência” (Le Breton, 2003, p.25).

Essa comunicação invisível, entre corpos que se percebem e trocam ‘sem palavras’, parece estar desaparecendo na sociedade midiática contemporânea, onde o tempo e espaço abstratos são a regra. ‘Abstrair significa subtrair’, lembra Flusser. A cada novo aparato na comunicação, uma redução; o corpo está cada vez menos implicado na existência, e o humano vai desaparecendo do processo comunicacional.

As imagens fluem celeremente e nós surfamos virtualmente nelas enquanto o corpo, em torpor, está sentado em alguma cadeira, sem alma ambos, corpo e cadeira. É bom enfatizar, corpo sem alma e cadeira sem alma. (Baitello Jr., 2012, p.28)

Para Boris Cyrulnik (2001), o que nos predispõe como espécie ao vínculo é nossa abertura sensorial. O vínculo é uma ponte entre corpos. Os encantamentos e trocas que “enfeitiçam”: a voz, o cheiro, a aura, a imagem da paisagem etc.

É preciso pensar a comunicação como vínculo (Baitello Jr., 2010). Pensar a comunicação antes dos aparatos de comunicação. Se há comunicação, há apropriação do conhecimento e há troca. Comunicação é a esfera do vínculo e a alma ama o vínculo.

Estudando os processos de resiliência, Cyrulnik nos mostra como o vínculo comunicacional e o ambiente em que somos ‘colocados no mundo’ interferem diretamente na capacidade que desenvolvemos para atravessar os obstáculos da vida, enfrentar as adversidades e, aprendendo com elas, nos transformar. É no corpo que essa história fica marcada.

Ainda segundo Cyrulnik, nossa capacidade de resiliência depende do vínculo comunicacional que foi estabelecido na infância. A voz da mãe cria o elo e intermedia o vínculo comunicacional entre o bebê e o ambiente ao redor; e a qualidade desse vínculo vai definir nossa capacidade de sermos mais ou menos resilientes.

Ou seja, é a propriocepção corporal que nos permite acesso a toda uma história de vida e às marcas que nos constituem. É preciso corpo para ‘tomar posse de si mesmo’, ressignificar e transformar. Nas palavras de Keleman (2001), “Eu sou corporificado; portanto, experiencio que sou.” Ou ainda, “É a experiência da corporificação que nos dá a experiência de estar vivos. Ela nos dá a percepção de um passado corporificado, de uma vida histórica e nos dá um presente.” (Keleman, 2001, p. 26).

E como veremos a seguir, para Jung (2013), psique e corpo não se separam. “E da mesma forma que a matéria corporal, que está pronta para a vida, precisa da psique para se tornar capaz de viver, assim também a psique pressupõe o corpo para que suas imagens possam viver.” (Jung, 2013, p.281).

### **Corpo e Consciência**

Para Jung, o ego é o centro da consciência, aquele eu que se apresenta ao mundo, através das diferentes imagens de si, aqueles personagens que melhor se adaptam aos diferentes ambientes afetivos, sociais, profissionais etc., as personas.

O ego tem diversas funções, dentre as quais promover a adaptação do indivíduo às exigências da vida, fazer diferenciação de conteúdos conscientes e inconscientes, mediar prazer e realidade. Como centro da consciência, organiza os conteúdos da vida psíquica, avalia, critica e raciocina em busca de soluções para os problemas que se enfrenta. A partir do ego cada um forma uma concepção de si, aquele eu consciente com o qual muitas vezes nos identificamos, a partir do qual nos descrevemos.

Uma consideração importante sobre a consciência é que não pode haver elemento consciente que não tenha o ego como ponto de referência. Assim, o que não se relacionar com o ego não atingirá a consciência. A partir desse dado, podemos definir a consciência como a relação dos fatos psíquicos com o ego. (Jung, 2001a, §18)

O bebê nasce ‘sem corpo’, sem ego, sem identidade. Mas sente tudo ao seu redor, no corpo. E à medida que o corpo vai se formando, ao longo dos setênios de vida, também a psique vai se formando; o entendimento de si vai se formando. Aquele eu vai se formando, num processo único para cada um.

É no corpo que o complexo do ego se manifesta. É nele que a percepção de si se faz e pode se projetar no mundo, pois o ego é corporal. O formato e a psique dos corpos não são um acaso. O corpo mostra com precisão a nossa singularidade; diferenças em diferentes eus.

O ancoramento das vivências espaço-temporais que o corpo permite tem importância fundamental na formação e aprofundamento da consciência, segundo Jung. É na conversa com nosso corpo que a imagem interna e a consciência de si mesmo se fazem. É preciso corpo para que a consciência possa existir.

O eu é constituído por duas bases aparentemente diversas: uma base somática e uma base psíquica. Conhecemos a base somática, partindo da totalidade das sensações de natureza endossomática, as quais, por sua vez, são de caráter psíquico e ligadas ao eu e, conseqüentemente, também conscientes. (Jung, 2000, p.2).

Eu não tenho um corpo eu sou o corpo. A corporeidade é a esfera do sentir; é o sentir no corpo que permite um sentido de existência ‘real’. É através do acesso às emoções e sentimentos que o corpo nos mostra, que podemos ampliar nossa capacidade de nomear e comunicar quem somos, a nós mesmos e ao mundo; afetando e sendo afetado por ele ao mesmo tempo.

Afeto vem do que me afeta e que se manifesta no corpo, primordialmente. Afeto, afetivo, afetividade. É preciso sensibilidade para se deixar afetar pelo outro, pelos outros, pelo mundo. Acessar imagens internas que nos inspirem e animem, ter consciência de si mesmo e da própria consciência: “Porque o corpo é uma realidade visível e palpável, que corresponde mais à nossa capacidade de expressão.” (Jung § 605 OC 8/2).

Ora, se estamos cada vez mais sedados pela velocidade da sociedade midiática, entorpecidos de informação e imagens, que invadem o nosso mundo interno e tomam de assalto nossa percepção de tempo, espaço e corpo, como existimos?

Nas palavras de Keleman (2001), “as imagens enraizadas no soma são autênticas. Quando vivemos conceitos e imagens que não estão enraizadas em nosso corpo, não acreditamos em quem somos.” (Keleman, 2001, p.57).

Nossa propriocepção corporal prejudicada não nos permite acesso ao mais recôndito e verdadeiro em nós, que é a sensação do mundo no corpo. Por isso, quando nos isolamos das nossas próprias emoções gravadas no corpo; quando não podemos contar com as percepções



do nosso corpo, nosso saber inato, ficamos cada vez mais à mercê das verdades que vêm de fora de nós. Das imagens exógenas que a sociedade midiática em que vivemos nos oferece aos milhões, em velocidade cada vez maior. Já não sabemos o que é verdade ou não. Não temos mais a referência que um dia a propriocepção corporal nos deu.

Segundo Pross, o tempo é a matéria-prima da comunicação; assim como é da consciência. A consciência precisa do tempo lento, de um tempo para processar, decodificar, ouvir o corpo e então se fazer consciência. O ritmo veloz imposto pela sociedade midiática nos molda em comportamentos padronizados e automatizados. E a automatização mata o sentido da vida.

Para Morin (1975) a consciência é o que nos torna humanos. E se a consciência é a contribuição singular da raça humana para o sistema planetário, e o acesso à consciência se dá a partir das imagens sensoriais do corpo, de que habilidades do humano (em nós), estamos abrindo mão quando vivemos uma vida moldada pela mídia eletrônica, que nos força ao abandono do corpo?

Aqui falamos do vínculo, da capacidade de empatia e resiliência que vem a partir da nossa capacidade de criar vínculos. Falamos do acesso a nossas emoções mais profundas que, enraizadas no nosso corpo, nos contam a nossa história e nos permitem uma imagem do mundo em nós e uma imagem de nós no mundo. Falamos das respostas que nosso corpo tem para nós e que já não escutamos. Falamos do acesso à consciência de nós mesmos e, conseqüentemente, do mundo.

E quando perdemos tudo isso, o que resta?

Nós existimos numa Terra Devastada, onde as imagens vampirizam a vitalidade do soma, onde o pensamento está enamorado pelo próprio reflexo. Estamos vagando no deserto, sedentos e ressecados, porque as águas profundas do soma não estão mais ao nosso alcance. Vivemos na Terra Devastada, onde nossos corpos existem apenas para os propósitos da mente.” (Keleman, 2001, p.33)

### **Considerações Finais**

Neste artigo procuramos refletir sobre a forma de viver imposta pela sociedade midiática contemporânea, onde a imersão digital e a velocidade das imagens nos tiram da dimensão

corporal, da existência simbólica, do contato mais profundo com nosso manancial de experiências e respostas internas.

Temos nos rendido cada vez mais a uma forma de viver que não privilegia o que de fato preserva a vida: não temos tempo para nos alimentar bem, dormir bem, cuidar com prazer do corpo, estarmos em contato com a natureza, socializarmos, contemplarmos a vida. Fazemos o mínimo que nos garanta a sobrevivência já que estamos muito ocupados tentando dar conta (e ao mesmo tempo tentando nos proteger) do imperativo da visibilidade e da conexão em rede, demandadas pela sociedade midiática.

A existência exige um estado de presença e de confiança mínimas na vida, que permita a introspecção; a contemplação que nos permita ter acesso às partes desconhecidas de nós e que, uma vez integradas, nos dão a possibilidade de uma vida mais inteira, mais conectada verdadeiramente com o corpo, o sentir e as emoções que dão sentido à existência. Novamente a questão do sentido se impõe aqui como central. Somos *homo symbolicus*, e é preciso reconhecer que a construção dos sentidos que atravessam e tornam possível a nossa existência acontece por meio dos sentidos (aisthesis) de estar no mundo, e que esses se dão a partir de uma propriocepção corporal mínima.

Os estudos da área de comunicação precisam e vêm dando cada vez mais importância ao pensar a comunicação na era da tecnologia. Pois se não vamos nos livrar do uso da tecnologia como meio de comunicação (e na vida), se mostra urgente e necessário que possamos encontrar novos caminhos que também nos permitam estar de volta na dimensão da presença no tempo, espaço e corpo, como meio de resgatar a vida da ‘terra devastada’.

## Referências

- Baitello, N., Jr. (2012). *O Pensamento Sentado*. Unisinos.
- Baitello, N., Jr. (2010). *A Serpente, a Maçã e o Holograma: Esboços para uma teoria da mídia*. Paulus.
- Balestrini, J. L., Jr. & Contrera, M. S. (2022). Desequilíbrio ecológico das imagens: A importância das imagens oníricas para os processos de resiliência. *Revista Eco-Pós* 25(1), 459-481  
<https://doi.org/10.29146/ecops.v25i1.27739>
- Balestrini, J. L. Jr. & Contrera, M.S. (2023). A eletrificação das imagens Oníricas. *Anais do 32º Encontro Anual da Compós*. <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-eletrificacao-das-imagens-oniricas?lang=pt-br>
- Contrera, M. S. (2017). *Mediosfera: Meios, imaginários e desencantamento do mundo*. (2ªed.) Imaginalis.

- Contrera, M. S. (2021). Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: A crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* 44(2)  
<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3563>
- Cyrulnik, B. (2001). *Resiliência: Essa inaudita capacidade de construção humana*. Instituto Piaget
- Jung, C.G. (2000). *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. (6ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2001a). *Fundamentos da psicologia analítica*. (10ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2001b). *Psicologia do Inconsciente*. (13ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2013). *A natureza da psique*. (10ª ed.). Vozes.
- Jung, C.G. (2021). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (11ª ed.). Vozes.
- Keleman, S. (2001). *Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. (3ª ed.). Summus.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao Corpo*. Papirus.
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Vozes.
- Magossi, P. (2017). Comunicação e velocidade na civilização tecnológica atual: As ritualidades do ciberespaço e a aceleração da vida cotidiana. In E. Trivinho, (Org.), *A explosão do ciber mundo: velocidade, comunicação e (trans) política na civilização tecnológica atual*. CENCIB, AnnaBlume.
- Morin, E. (1975). *O Enigma do Homem*. Zahar Editores.
- Morin, E. (1997). *Cultura de Massas no Século XX*. Forense-Universitária.
- Nicolósi, R. (2021). *Imersão Digital e Suicídio*. [Tese de Doutorado não publicado]. Universidade Paulista.
- Santos, K.C.H.de O. (2009). *Estudos dos Conceitos Fundamentais da Teoria da Mídia de Harry Pross: Uma teoria dos multimeios*. [Monografia de Graduação não publicado]. PUC/SP
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes.
- Trivinho, E. (2007). *A dromocracia cibercultural: Lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. Paulus.
- Zimmenmann, E. (2011). *Corpo e Individuação*. (2ª ed.)Vozes.